O NUMERO DE ENGUIÇO.

(DIA DE FINADOS)

Fazemos neste numero *o que quasi todos fazem sobre o tumulo de seus parentes; accendemos vélas aos finados, rimos e banqueteamos-nos sobre elles, mas estamos tristes.*

Quantos finados este anno! Quantos depositam corôas sobre as finadas consciencias?!

Accendemos uma véla ao finado republicano, que lega ao paiz o seu strabismo.

Outra a um finado triburo.

Outra ao finado legendario, que nos legou um *fasça-se.*

Ao jornalista em *feto*, que nasce todos os annos e morre de mal de sete dias.

Ao finado Amenophis-Effendi, que se reduziu á mumia.

Aquelles que de cabeça inclinada depositam as suas immortaes, e esquecimento sobre a questão bezerra.

Ao redactor da *Italia-Unita* uma véla de sebo espetada n'um pote de graxa e para nos alluminar tambem os *dozzine* gentios da Italia.

Aos do *carvão*, que é um negocio *sujo* e que *fizma* a gente, embora esses estejam já cremados.

Por ultimo a este, que não é finado, mas sim *refinado.*

Mais uma velinha, e uma lagrima da monarchia ao author do *monstro*, ao qual chamou S. M. Fidelissima, salvo seja.

Bem se vê que não *és pintor* realista, o que pintaste melhor foi... *foi á manta.*

Rimos sobre todos estes finados; e deixamos cahir sobre elles os mais pezados pingos de bom humôr!

Lith. a Vapor, Angulo e Pinto, Assembléa 44

Temos a agradecer:

A *Bibliotheca Economica* ns. 49, 50 e 51.

O *relatorio apresentado á camara de Piraby* pelo Dr. Aureliano Teixeira Garcia.

*

La Saison n. 19, periodico de modas que é muito apreciado pela hungara cá de casa. Ella envia aos editores muito saudar.

*

Agradecemos á Real Sociedade, *Club Gymnastico Portuguez* o cartão que nos offereceu para o baile anniversario em 31 de Outubro.

A gente lá foi e é pleonasmo dizer que appreciou.

*

Fomos visitar, a convite dos proprietarios, a grande fabrica a vapor, de moveis, dos Srs. Moreira, Santos & C.ª á rua do Principe ns. 40 a 48.

As madeiras empregadas no fabrico das mobilias são de primeira qualidade, não faltando no bom gosto e elegancia da mão de obra.

Este estabelecimento faz honra á industria nacional.

*

Sob o titulo, *Impressões de minhas viagens no Brazil*, publicou o Sr. José Van Halle uma collecção de citações a diversas pessoas que não lhe pagaram a obra.

Pelo seu livro o Sr. Van Halle se não conseguiu revelar-se um bom escriptor, prova que tem aptidões para bom meirinho.

*

Aviso. — Com o pesar que é muito natural em taes casos, pedimos nos Srs. assignantes que nos quizerem obrigar a não ter o seu nome na lista dos contribuintes para o nosso *espirito*, a nossa *verve* e até para a sustentação do Basilio, queiram communicar-nos com antecedencia tão pungente resolução. Se se arrependerem em tempo ser-nos-hão duplamente agradaveis.

*

Ha alguns dos nossos queridos e respeitaveis assignantes que se esquecem ás vezes de que — o casco vasio não se põe em pé —, esquecimento muito doloroso para nós, que temos de fazer de *cadaver* em tempos de cremação.

Lembramos sómente a estes que o dia trinta de Setembro foi no mez atrasado, e por isso mesmo SS. SS. acham-se em atraso.

Hoje.

..... commemoram-se todos os fieis defuntos.

A santa-madre-egreja-catholica-apostolica-romana bate palmas, e diz:

— Tenham saudades! Chorem um poucachito, meus senhores!

Como se as nossas lagrimas, podessemos nós pagal-as em prazo certo, como a decima urbana ou o aluguel da criada.

Haverá nada mais ridiculo, nada mais lacerda, nada mais conego-ferreira, do que sahir um christão de casa, muito alegre, muito despreoccupado, para ir ao cemiterio chorar por gosto um pranto periodico, sentir umas saudades de contribuição, derramar umas lagrimas inopportunas, obrigatorias, officiaes?

Pois não é mais rasoavel deixar ao arbitrio de cada um a visitação dos mortos que lhe foram caros? Não é mais significativo, mais nobre, mais justo visital-os em um dia qualquer, sem sujeitar uns sentimentos bons a um calendario máu?

Uma unica vantagem depara o dia de finados á sociedade: nascem no cemiterio, em 2 de novembro, centenas de casamentos. E o casamento é a base... etc., etc.

O namoro é grandemente explorado á sombra das casuarinas e dos mausoleus garridos; a mulher pallida, de preto, é irresistivel; uns olhos humidos e languorosos são quasi um tractado de alliança conjugal.

Quanto a mim, levo a chorar pelos meus defuntos durante todo o anno, para rir-me no dia de finados.

Esse dia, consagro-o inteiramente ao prazer de ver chorar em publico e raso, como os poetas lyricos de 1830.

As dores generosas só querem a solidão e o silencio.

E como os romeiros de N. S. da Penha, engrinaldados de roscas, sobem para a carroça, berrando:

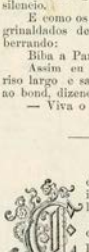
Biba a Panha! —

Assim eu despertei-me hoje com um sorriso largo e satisfeito, deitei o chapeu, e subi ao bond, dizendo:

— Viva o Cajú!

IGNOTUS.

Os lyricos.



Ouvia diziam que o nosso publico era indifferente ás cousas de arte! Calumnia, mil vezes calumnia!

Ahi estão os ultimos acontecimentos a attestar que o nosso publico a unica cousa que sabe ser — é lyrico.

*
* *

A principio a Sra. Mariani era má, não tinha voz, não sabia cantar, emfim era um osso, que nos atiraram depois de lhe roerem a carne.

O emprezario deitava os bofes pela bocca fóra, a proclamar as qualidades da sua artista.

*
* *

E cantava se a *Força do Destino*, e os lyricos ficavam cá fóra e o theatro vazio. E o emprezario quasi a convencer-se que a sua artista não agradava.

*
* *

Correram os tempos e mudaram-se as scenas.

O emprezario concorda com o publico e pretende desfazer-se da sua artista, justamente no

momento em que o publico começava a enthusiasmar-se.

E então foram flores, foram palmas, joias, bravos, cadeiras quebradas, tudo para dizer ao emprezario que elle tinha razão quando dizia que Mariani era uma grande artista.

***

E como não se póde conservar acesa uma vella a Deus e outra ao Diabo, os enthusiastas da Sra. Mariani patearam o Sr. Ferrari, e quasi todos os outros artistas.

***

Ora a pateada ao Sr. Ferrari significa simplesmente que, se elle quer ser applaudido, não deve trazer para aqui artistas como a Sra. Mariani e sim como a Sra. Bianchi, porque emfim, por causa da Sra. Bianchi ainda elle não levou pateadas, como lhe aconteceu com a Sra. Mariani, a unica artista da sua companhia.

***

Do que se deve concluir que os nossos lyricos veem a justiça, precisamente como o Sr. ministro da mesma, isto é, um pouco de revez.

Tinoco.

Amigo Tite de Bois

Desculpa, porém noto que és um tanto extravagante em ligar a minha feição a uma feição, que não convem que seja ligada á minha.

Comprehendes os inconvenientes, que podem resultar d'ahi: tomarem a nuvem por Juno, como dizia desacertadamente... quem?

Adeuzinho.

Do teu affectuoso
Thomazinni.

O macaco que mostra a lanterna magica

Para muito quem não goste de fabulas; eu confesso que aprecio a todas menos ás dos Srs. J. Teixeira e Bomsucecesso, que levam-se a cortejar com pequenas sem-saborias rimadas.

O distico d'este artigo é de uma fabula de Florian, um author, que a gente conhece na eschola entre um companheiro vadio, que coça o nariz, e um mestre importuno e ignorante. Póde ser que o assumpto não diga com a fabula, mas vae bem com o titulo.

A lanterna foi uma grande invenção; dizem mesmo que de extraordinario proveito; serve para os homens pararem, as mulheres terem dupla curiosidade, as crianças arregalarem muito os olhos, e lançarem um rizo claro pelo tosco objectivo de envolta com os pequenos olhares cheios de avidez. A velhice gosta tambem de ir ver a Lanterna, já tem a curva do corpo appropriada áquelles que espiam, o pescoço estendido e o olhar apertado de quem aprecia ao longe.

E' uma humanidade, que se grupa ao redor da lanterna, ouve-se uma vozeria, que é como o cantico singelo da sorpreza ingenua, um burburinho que applaude e soluça á sordina a satisfação, a alegria.

As vistas vão passando...

E ficou toda a gente com a idéa presa na lanterna, por muito tempo as mãis dizem aos filhos travessos:

— Olha, aquelle homem vermelho, que você vio na lanterna...

As moças, as louras como o sol, as trigueiras como um camafeu de barro cozido, lembram-se tristes de uma scena, aquelle idyllio, aquella Thisbe, traspassando-se junto a Pyramo.

Os velhos, as velhas fallavam do Holophernes, que viram grande e enorme no campo branco do lençol, projectado por um forte raio de luz.

E assim por muito tempo, por muitos annos fica o povo preso áquella idéa, até que um dia acostumam-se: as vistas aborrecem, zangam-se e quebram a lanterna.

Assim foi o *Jornal do Commercio;* por muito tempo mostrou as suas vistas ao bom povo que assombrado estremecia, por muito tempo levou a dirigir a opinião com o reflector de metal branco, com reflexos de luz electrica; hoje fizeram o mesmo, quebraram-lhe o encanto.

O seu Holophernes da Gazetilha, com os sinistros obituarios, as tristes scenas da quarta pagina, de Thisbe e Pyramo, a independencia de sua vida, converteu-se em uma cousa vulgar.

*

O macaco, que mostra a lanterna magica não vale uma classificação de macaco; mostra mal, nunca mais a mostrará bem.

Lebigre.

Pilherias de El-Rei Pilheria

S. m. el-rei Pilheria foi uma feita visitar a alfandega de seus reinos.

Como é natural, encontrou tudo no peior estado que é possivel imaginar, ou antes, que não é possivel imaginar.

S. m. zangou se muito e, apontando para um caixão que tinha a marca *E. A. N. V. B.*, disse para os empregados:

— Sim, sim; aquelle caixão diz tudo: *esta alfandega não vae bem!*

Hilaridade geral!

***

Era no tempo da guerra.

Para espairecer o seu tedio e a sua falta de appetite, s. m. dignou-se de examinar os cosmeticis, mandados pelo seu sabio governo ás tropas, que se deixaram matar defendendo a integridade de seus reinos.

S. m. admirou-se da magreza da carne secca, ao que lhe respondeu alguem:

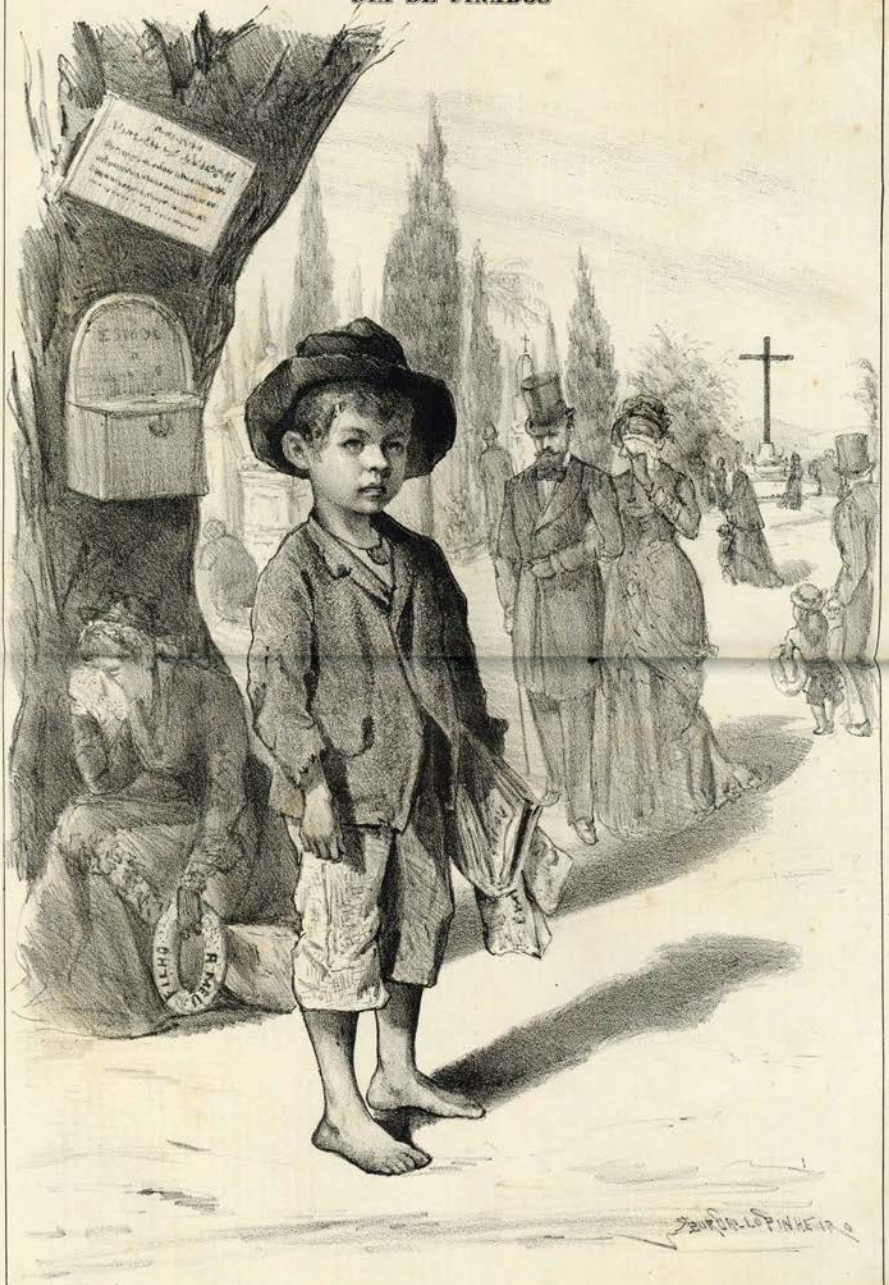
— Isso é por causa do vento norte...

— Pelo que vejo, atalhou s. m. com um fino sorriso de ironia, o vento norte deve estar muito gordo!

Geral hilaridade!

D. Juan Carapetones,
unico reporter *das pilherias de s. m.*

DIA DE FINADOS



O ENGEITADO:

Aquelle que não tem o direito de chorar como nós!

Ora essa!

Lê-se no *Cruzeiro* do dia 28:

« *Ytú* — no Bairro olhos d'Agoa, nessa cidade uma moça, morreo afogada no tanque onde estava lavando. Os medicos que fizeram o corpo de delicto, declararam que ella soffria de ataques epilepticos. »

Ora essa! pois não podia ter morrido afogada?

RIB.

Ao Exmo. Sr. Manoel Francisco Corrêa

Excellentissimo e Conselheiro:

Permitta V. Ex. que uma vez na sua curta vida o *Besouro* venha, cheio de respeito e sisudez, como aquelles velhos typos romanos, dos quaes V. Ex. sempre falla, quando... falla, para pedir uma simples explicação da ultima conferencia de V. Ex.

Tratou ella muito, Exm. Senhor, *da educação physica*, e desde já confesso que fui ouvil-a com os meus ouvidos, cheio de vontade e respeito, por isso que é para mim por demais autorisada a palavra de V. Ex.

Ora discorrendo no plano da rhetorica fluente e matizada, que só a V. Ex. soe fazer escorregar, conseguiu V. Ex. ir prendendo meus sentidos com a galante historia dos Horacios e Curacios, com a do rei Salomão e outros, e levava-me para uns devaneios historicos, para umas divagações que na verdade tinham muita relação com a educação physica.

Com o ponto final de V. Ex., com a chave de ouro, uma citação biblica e evangelica, fiquei do mesmo modo, com as mesmas idéas sobre a historia dos Horacios, e do rei Salomão e da educação physica, isto é, fiquei convencido de que os Horacios e Curacios erão os inventores da educação physica e que o rei Salomão na sua qualidade de rei lhes havia concedido o *brevet* de invenção.

Ora, meu Exm. Conselheiro, pois hoje á luz meridiana do seculo, V. Ex. vem nos entreter durante uma porção de minutos com isto... é verdade que n'um domingo não ha nada a fazer, porém seria muito melhor que cada um, ou pelo menos, estivesse em minha cuza a ler um tratado sobre a educação physica, e depois iria agradecer a V. Ex. o ter despertado em mim esta lembrança com a conferencia.

Hoje as questões de ensino, Exm., as questões de educação moral e physica são todas praticas, e não se toma o tempo a ninguem com ellas; é um facto natural, deve-o V. Ex. saber que problemas como estes nem tem o tempo precizo de serem enunciados, vão logo nascendo da pratica e ahi é que são observados. A educação physica é uma necessidade, e não hade ser o discurso de V. Ex. que venha preencher a lacuna. Depois, V. Ex. não disse nada: é uma questão de hygiene e de physiologia o enunciado da conferencia, e V. Ex. teve preguiça, talvez, de fallar naquelle terreno.

Porque não nos contou a historia de Ninon de Lenclos, já que fallou nella, porque não nos contou algum episodio daquelle espirito voltaireano, daquelle espirito que se ouvisse a conferencia de V. Ex. como disse a...

Desculpe-me V. Ex.; porém eu não tenho o direito, que têm V. Ex. de agradar a auditorios e muito menos a leitores, e por isso sou um

estimavel etc.

O BESOURO.

Cautela!

Quem passar pela academia..... quero dizer: pela confeitaria Castellões, verá pendurada á porta, entre outras, a photographia de Mademoiselle ***, *étoile parisienne, chanteuse excentrique.*

Mademoiselle *** tem uma physionomia..... expressiva, e está com um vestido decotado.

Pose de harem. A bocca, lascivamente rasgada, entreabre-lhe um sorriso de odalisca, um sorriso equivoco como uma reticencia. Os seus olhos languidos e amortecidos: segundo periodo. E' uma mulher fresca, attrahente, encantadora. Lá isso é.

Estas qualidades, reunidas aos seus talentos de *chanteuse excentrique*, isto é, aos *pif-pafs*, aos *tzim la la* e aos *la la itsi* das suas *pochades* e *fyroliennes*, sobejos motivos são para desencabeçar uns tantos individuos e — digamol-o com franqueza — obrigal-os ás maiores loucuras e dispendicios.

O *Besouro* não é moralista, Deus o livre; mas, creado para fazer rir, deseja, neste momento, pelo menos evitar o choro.

Por isso repete: Cautela!

E' triste ver esquecidos deveres muito serios por via das bellezas de *boulevard*, como aqui succedeu nos tempos da famigerada Aimée (amada).

Mais triste ainda é ver deixar o Brazil uma *cocotte* enriquecida em commercio que *lá* não lhe proporcionaria mais que poucas e miseraveis centenas de francos.

E' tempo de libertamo-nos da eterna irrisão dos *badauds* de Paris.

Por isso é que repetimos ainda: Cautela!

IGNOTUS.

Fabula instantanea.

(Em verso branco)

Tres moças lavam fructas: a primeira
uma laranja lava appetitosa;
lava a segunda um cambucá gostoso.

Um mamão lava a outra.

T. DE B.

Epitaphio do futuro.

Aqui jaz quem no mundo foi chamado
Francisco Antonio e Silva Salomé,
Que, por cremado ser, foi sepultado
Nesta boceta em que tomou rapé

L. M.

A memoria do Doutor Moreira d'Azevedo.

O doutor Moreira d'Azevedo veio mais uma vez provar os seus grandes merecimentos bibliographicos e historicos.

Na proveitosa sessão de 24 do Instituto Historico e Geographico, leu S. S. uma interessante e circumstanciada memoria sobre a declaração da maioridade de S. Magestade o Imperador, e essa memoria foi tanto mais apreciada por isso que trouxe luz sobre alguns pontos mesmo obscuros para a propria Magestade.

Assim o doutor Moreira d'Azevedo, historiador, que ensina com convicção scientifica aos seus alumnos: que Romulo e Remo foram os fundadores de Roma; que Orpheu comovia as pedras com os sons de sua lyra: que uma loba dêra de mamar aos fundadores da cidade eterna, etc., etc.; o doutor Moreira, que devia ter feito umas conferencias na Gloria, veiu dizer, de certo, que o Imperador foi declarado maior quando ainda não lhe havia nascido o siso.

Que já tirava as suas fumaças do cigarro ás escondidas, e que já tinha a bossa do hebraico desenvolvida.

Fez bem o doutor Moreira d'Azevedo; a historia patria está cheia de lacunas, e a não ser aquellas soporiferas paginas do Conselheiro Pereira da Silva ninguem mais pode ter noticias frescas do que se passou antigamente.

O doutor não tem uma organisação perfeita para ser um historiador, não faz mal, porque tambem para escrever-se a historia do dia em que o Imperador trocou as calças curtas pelas compridas, é bastante que se tenha um compendio de historia antiga escripto como soube S. S. fazel-o; sómente ponha no fim como um apendice á qualquer facto a sua memoria e obrigue aos seus discipulos a decoral-a.

Sua Magestade foi quem ouviu a sua monographia (?) sobre a troca das suas calças, com os olhos cheios de lagrimas, e voltados para tempos saudozos. Tão voltados estavam os olhos de S. Magestade que pareciam vesgos.

Julião

Celebreira.

O peixe, logo que passa dois dias fóra dos seus commodos, sem que o preparem, tambem se aborrece: fica moido.

J.

N'um café.

— O que estás lendo?

— O extracto da conferencia do Velho da Silva...

— E's original...

I.

O Sr. ministro da marinha.

Ha uma grande differença entre o Sr. Andrade Pinto e os demais ministros, excluido o nosso *nhô pequeno*, o querido *bebé* que S. M. dirige com os seus conselhos e alimenta com a sua inviolavel canja constitucional.

A differença é esta: o Sr. Andrade Pinto quando quer, quer; vai certo, fulminante a um ponto dado e não recua. Os outros pucham a brasa para a sua sardinha.

Exemplos:

O Sr. Villa Bella com o Sr. A. de Siqueira.

Os Srs. Gaspar e o Sr. Olho com o Freitas cunhado.

O Sr. Sinimbú com os Torquatos de Alagôas.

O Sr. Herval com o pimpolho legendario.

O Sr. Andrade Pinto é diverso; erra, mais de boa fé, com um pensamento bom, patriotico, puchado a *sustancia*.

Sempre é homem que entra pelo carvão dentro e não sae sujo.

Pegue lá um aperto de mão.

Zé.

Aparas.

— Já não ouço fallar no Homem Peixe.

— E' que elle está escamado.

*

— A *toilette* de S... é o prologo do seu coração.

— Enganas-te é um capitulo inteiro de um livro... razão!

*

— Vai-se em breve, o Tamagno.

— Tambem já vai em fins a primavera, e com ella o florescer das violetas.

Lóló.

Bilhete de Karlo Mello.

« Por ter perdido o meu caderno de notas deixo de mandar o meu noticiario. »

O leitor fica, portanto, privado de ler esta parte da nossa folha, em que se faziam algumas observações acerca das *Folhagens* do poeta Caetano.

K. Mello

LYRISMOS.

(A proposito das manifestações enthusiasticas no Theatro Lyrico)

Marianistas e *Pozzonistas*. — Guerra mais feroz que a dos *Alecrim* e *Magerona*.

N'esta guerra fez-se por vezes justiça sem querer.

O canto de Marianita
E' cheio de afinação:
Ai sim, Marianita, ai sim
Ai não, Marianita, ai não.

Venceu a democracia, como era de esperar.

Encaradas as ovações e pateadas, como lições politicas, estas podem bem dizer-se que representam a reacção contra um poder constituido

Como manifestação de enthusiasmo pelos talentos musicaes, custa a dizer, mas parecem-nos que estava envolvida em um *cancan* de bastidores, *reles* a ponto de collocar *a dita admiração* como um accessorio da festa.

Ferozes e febris todos se attribuiam a idea da bella ovação á Mariani, mas ninguem se attribuia a pateada ao Ferrari. Comtudo alguem a deu, e foi com os pés. — Olé.

Tudo porque Ferrari *é o homem que ri*. Não é por querer, é apenas uma contracção nos musculos da face.

O publico applaude-o — *elle ri*.

O publico pateia-o — *elle ri*.

O publico enfurece-se — *elle ri*.

Chora por dentro; si por fóra ri, não é *por querer*.

Vamos e venhamos, emquanto á justiça com que o patearam parece-nos que ella se deveria estender a todos os emprezarios quando elles prejudicam artistas de valor, facto que se dá ha muitos annos sem que os Srs. tenham desafrontado os talentos. Tantos artistas têm sido desfeitados e os Srs. *moita!*...

Chegou agora a severidade. Acordou *Vossa Senhoria*, Sr. Zé Povinho, para o enthusiasmo e a defeza dos direitos dos pobres e desprotegidos cantores. Ainda bem.

Mais vale tarde do que nunca. Infelizmente para a arte, ainda é preciso que as senhoras puchem o cordel do enthusiasmo e da justiça por detraz do *bastidor* da opinião publica.

Sem as *ditas* mãosinhas que pucham os *ditos* cordeis, podem os artistas cantar como anjos e representar como Moysés que *Vossa Senhoria* não faz caso d'elles.

Cancan e *cancan*
Eis o triumpho.

Oh seu Sandol? não haverá por ahi uma senhora que queira puchar o cordel da nossa reputação?

Até lá se não estivermos finados, estaremos AMO-FINADOS.